

A COMPREENSÃO DA VERDADE NO QUARTO EVANGELHO

Osmar Debatin

1. Alguns pressupostos históricos do tema da “verdade” em João

Os textos bíblicos surgiram a partir e no contexto histórico e específico de uma comunidade concreta, visando interpretar, responder e apontar razões de esperança (1Pd 3,15) a esta comunidade e, ao mesmo tempo, oferecer saídas frente aos desafios sociais e eclesiais às novas comunidades que iam aparecendo ao longo da história de um povo.

Nesta ótica, procuraremos investigar as razões históricas do primeiro século da era cristã, quando foi escrito o Quarto Evangelho, com o intuito de levantar algumas hipóteses acerca dos motivos que levaram o evangelista João a insistir no tema da “verdade”.

1.1 As ideias de Filo de Alexandria

Um primeiro esboço histórico acerca do Quarto Evangelho, no tocante à sua origem¹, diz respeito à sua ligação com a cidade de Alexandria, no Egito, onde, no primeiro século da era cristã, floresceu a chamada “filosofia neoplatônica” e, por intermédio de Filo², essa corrente de pensamento penetrou na comunidade judaica. Foi também na cidade de Alexandria que cresceu a cultura helenística em geral. Nesta cidade ficava uma famosa biblioteca³.

Uma das características da filosofia neoplatônica era a concepção de *Logos*, que em grego significava, inicialmente, a palavra escrita ou falada – o Verbo. Mas a partir de filósofos gregos, como Heráclito, passou a ter um significado mais amplo. *Logos* passa a ser um conceito filosófico traduzido como razão, tanto como a capacidade de racionalização individual ou como um princípio cósmico da Ordem e da Beleza⁴.

1. Cf. KONINGS Johan. *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, 2000 (col. Grande Comentário Bíblico). Para este autor a origem do Quarto Evangelho deu-se por volta do ano 90 dC, p. 37.

2. Cf. Filo de Alexandria viveu entre os anos de 13 aC a 42 dC.

3. A *Biblioteca de Alexandria* foi uma das maiores bibliotecas do mundo e se localizava na cidade egípcia de Alexandria. Considera-se que tenha sido fundada no início do século III aC, durante o reinado de Ptolomeu II do Egito, após seu pai ter construído o *Templo das Musas* (Museum). É atribuída a Demétrio de Falero sua organização inicial. A instituição da antiga biblioteca de Alexandria tinha como o principal objetivo preservar e divulgar a cultura nacional. Continha livros que foram levados de Atenas. Existia também matemáticos ligados à biblioteca, como por exemplo Euclides de Alexandria. Ela se tornou um grande centro de comércio e fabricação de papiros. Segundo a tradição, foi ali que 72 eruditos judeus traduziram as Escrituras Hebraicas para o grego, produzindo assim a famosa Septuaginta. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_de_Alexandria. Acessado em 25/11/2009.

4. Cf. REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. São Paulo: Paulus, 2. ed., 2005, v. 2, p. 238.

Quando lemos os escritos de Filo, nos deparamos com a doutrina do *Logos* como um conceito equivalente à revelação de Deus no cristianismo e, por conseguinte, a mesma afirmação é feita sobre Jesus Cristo no Novo Testamento. Na teologia cristã, o conceito filosófico do *Logos* viria a ser adotado no Quarto Evangelho, onde o evangelista se refere a Jesus Cristo como o *Logos*, isto é, a Palavra: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus” (Jo1,1).

Este “Logos-Cristo” aparece nos escritos neotestamentários como a personificação da Sabedoria Divina (Jo 1,14-16), pois no cristianismo o *Logos* passa a ser Jesus Cristo. Segundo o renomado Dicionário de Filosofia, “durante os três primeiros séculos do cristianismo os filósofos e líderes das comunidades primitivas insistiram nos dois pontos seguintes: A perfeita igualdade do Logos-Filho com Deus-Pai; e a participação da natureza humana no Logos”⁵.

Por isso, a doutrina do *Logos* influenciou a comunidade cristã a partir do ensinamento de que “Deus veio ao mundo na pessoa do “Logos”, o Verbo [...]” e isso “adaptou-se maravilhosamente à mensagem inteira sobre Cristo, que é a manifestação especial de Deus neste mundo”⁶.

Contudo, o quarto evangelista evitou o ensino panteísta do neoplatonismo, e também demonstra não ser um estudioso de Filo de Alexandria; o conceito “Logos” tinha grande circulação no mundo greco-romano daquela época, e, de certa forma, retratava a influência desta filosofia cristã na formação dos textos bíblicos. Vejamos um comentário de Irineu (nasceu no ano 130 dC e foi bispo de Esmirna, atual Turquia):

De fato, reconhecemos também um Filho de Deus. E que ninguém considere ridículo que, para mim, Deus tenha um Filho. Com efeito, nós não pensamos sobre Deus, e também Pai, e sobre seu Filho como fantasiavam vossos poetas, mostrando-nos deuses que não são em nada melhores do que os homens, mas que o Filho de Deus é o Verbo do Pai em ideia e operação, pois conforme a ele e por seu intermédio tudo foi feito, sendo o Pai e o Filho um só. Estando o Filho no Pai e o Pai no Filho por unidade e poder do Espírito, o Filho de Deus é inteligência e Verbo do Pai⁷.

Esta concepção do *Logos*, como percebemos acima, aparece claramente no prólogo do Evangelho segundo João (Jo 1,1-18) e está de certa forma relacionado também com o conceito de “verdade” que queremos abordar neste artigo. A “verdade” no Quarto Evangelho é a verdade-Cristo, encarnada na história humana, que caminha com ela, mas a transcende e aponta caminhos de libertação e superação, na busca da “verdade” plena e definitiva (Jo 14,6). O que pretendemos relacionar neste estudo é a doutrina do “Logos” com a “cristologia joanina do Logos”, onde se abrange também a ideia da mediação da criação pelo *Logos*, “pois, o prólogo joanino alude, logo nos primeiros versículos, à ação

5. Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 4. ed., 2000, p. 630.

6. Cf. CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Milenium, 1982, Vol. I, p. 256.

7. Cf. IRINEU. *Contra as heresias*. In: ABBAGNANO, 2000, p. 632.

criadora de Deus no princípio (Gn 1,1) e o anúncio da atividade mediadora da criação, por meio de Cristo, associa-se à doutrina da comunhão preexistente do ‘Logos’ com Deus antes da criação do mundo (Jo 17,24), como também a denominação do ‘Logos’ como ‘luz’ e ‘vida’⁸. Para nosso estudo, isso chama a atenção, uma vez que o sentido de “verdade” em João: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), vincula-se à doutrina do “Logos”, no significado do termo “Vida”. Além disso, ela é uma das sete auto-proclamações de Jesus no Quarto Evangelho⁹, sendo que em 10,7 Jesus se apresenta como a Luz do mundo, e o *Logos* também é luz¹⁰.

1.2 A perseguição na comunidade cristã

Uma segunda influência histórica que poderia ter ocasionado o desenvolvimento do tema da “verdade” no Quarto Evangelho diz respeito a uma característica comum das comunidades judaicas e helênicas daquela época, onde nossa afirmação se fundamenta quanto à perseguição que muitos membros dessas comunidades sofreram, agora, “convertidos” ao cristianismo, por parte dos judeus ortodoxos (ou da comunidade sinagagal judaica)¹¹.

Uma constatação dessa afirmação é encontrada no contexto sócio-histórico do Quarto Evangelho, quando este faz referência à expulsão dos cristãos da sinagoga: “seus pais assim disseram por medo dos judeus, pois os judeus já tinham combinado que, se alguém reconhecesse Jesus como Cristo, seria expulso da sinagoga” (Jo 9,22); e “contudo, muitos chefes creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga” (Jo 12,42). Esta difícil situação dos primeiros cristãos tem relevância em nosso estudo, uma vez que “os outros evangelhos não deixam transparecer decisão alguma neste sentido da parte das autoridades judaicas durante a vida de Jesus”¹².

Assim, o conflito entre as autoridades judaicas e os “convertidos” judeu-cristãos, no contexto do Quarto Evangelho, relacionado com o tema da “verdade”, consiste em que as primeiras davam muito valor ao conhecimento, especialmente no empenho de “perscrutar as Escrituras” (Jo 5,39), e, por outro lado, desprezavam os pobres e simples, porque estes “não conheciam a Lei” (Jo 7,49). O Jesus descrito no evangelho segundo João, porém, é Aquele que valoriza a sabedoria dos simples e pequeninos, e prega uma sabedoria salvífica, que não é cultura deste mundo, mas conhecimento (a verdade) de Jesus e do Pai – que nós conhecemos nele: “que eles te conheçam a ti, o

8. Cf. SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000. Vol. I, p. 139.

9. Cf. No evangelho segundo João encontramos sete autoproclamações de Jesus – “Eu sou”: 6,35 – *O pão da vida*; 8,12 – *luz do mundo*; 10,7 – *a porta*; 10,10 – *o bom pastor*; 11,25 – *a ressurreição e a vida*; 14,6 – *o caminho, a verdade e a vida* e 15,1 – *videira verdadeira*.

10. Cf. O PROTRÉPTICO. Discurso do bispo Teófilo de Antioquia (séc. II dC): “Igualmente os três dias que precedem a criação dos luzeiros são símbolo da Trindade: de Deus [Pai], de seu Verbo [Filho] e de sua Sabedoria [Espírito Santo]”. In: REALE, 2005, p. 245.

11. Cf. BORTOLINI José. *O Evangelho de João: o caminho da vida*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 09, onde o autor descreve amplamente o conflito.

12. Cf. KONINGS, 2000, p. 47.

único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3); esse saber não vem através da sabedoria deste mundo, mas do amor a Cristo: “Assim, como o Pai me amou, também eu vos amei. Permanecei em meu amor” (Jo 15,9).

1.3 Os discípulos de João Batista

Um terceiro aspecto histórico referente ao emprego constante do tema da “verdade” no Quarto Evangelho diz respeito aos discípulos de João Batista, onde, segundo Bortolini, “o discípulo amado fora um dos que deixaram João Batista e seguiram Jesus [...], mas nem todos os discípulos do Batista fizeram essa passagem”¹³. Isto deve ter ocasionado conflitos na comunidade joanina, no sentido de estes apontarem para João Batista como o Messias ou mesmo a Luz. Contudo, João Batista, no Quarto Evangelho, é muito explícito: “Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), ou ainda, quando o próprio evangelista escreve: “Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz” (Jo 1,8). E a luz no Quarto Evangelho é o próprio Jesus (Jo 8,12b), sendo, por correlação, também a “verdade”¹⁴.

2. A Teologia do conceito “Verdade” em João

2.1 Jesus é a Verdade

A partir do conceito frequentemente usado em João *alétheia* que equivale à verdade como característica da ação divina ou humana, ou ainda, “a verdade como sendo o próprio Jesus, o Logos, que o prólogo apresenta como ‘cheio de graça e de verdade’ (Jo 1,14)”¹⁵; o Quarto Evangelista não desenvolve a teologia deste conceito do absoluto do ser da transcendência de Deus, mas a verdade equivale à revelação; se relaciona diretamente com “a missão temporal de Jesus, à sua palavra e ao dom do Espírito, em seguida, também ao acolhimento desta verdade por parte dos crentes”¹⁶.

Para o autor do Quarto Evangelho, Jesus é a verdade e a verdade foi manifestada por Ele (Jo 1,17). O Filho de Deus é ainda o depositário da verdade; Jesus prega a Palavra de Deus (Jo 17,17) e faz até da sua morte um testemunho da verdade (Jo 18,37). Ele também a possui plenamente (Jo 1,14), pois veio de Deus (Jo 1,1; 8,40). A sua pessoa “é a melhor expressão possível do plano divino da salvação (14,6)”¹⁷.

Notamos também que frequentemente, no Quarto Evangelho e nas Epístolas de João, são usadas as palavras “verdade” e “verdadeiro”, que guardam, em primeiro lugar, o sentido grego de manifestação da realidade, da essência mesma de uma coisa. Contudo, a “verdade” para o Quarto Evangelho não é apenas “o sustentáculo” de uma existência ameaçada, mas é a luz que sobre ela recai: “pois a minha carne é verdadeira-

13. Cf. BORTOLINI, 1994, p. 10.

14. Cf. Jo 14,6. Fizemos esta correlação a partir de que a autoproclamação de Jesus: “*Eu sou a luz*”, insere-se no contexto das sete autoproclamações existentes no Evangelho de João.

15. Cf. PEREIRA, Ney Brasil. Só o Cristo, a Verdade, liberta. In: *Encontros Teológicos*, n. 21, ano 11, n. 2, 1996, p. 7.

16. Cf. LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes/Santuário, 1994, p. 1052.

17. Cf. MONLOUBOU, L. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 816.

mente uma comida e o meu sangue é verdadeiramente uma bebida” (Jo 6,55). A “verdade” é a própria revelação, a realidade divina descoberta ao ser humano, visando livrá-lo da mentira de que é prisioneiro, permitindo-lhe conhecer a Deus e, portanto, conhecer-se a si mesmo: “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,32).

Jesus ainda prega, diz, anuncia a “verdade” (Jo 8,40.45; 16,7; 18,37). O Espírito da Verdade que Ele promete introduz os crentes em toda a verdade (Jo 16,13) e esta “verdade”, uma vez conhecida, liberta (Jo 8,32) todas as pessoas.

2.2 A Verdade e o pecado

Mesmo sendo a “verdade” libertadora, ela é constantemente “ofuscada” pelo pecado; é, então, compreendida pelos seres humanos como uma realidade de Deus para a qual as próprias pessoas fecharam os olhos. Por isso, tornando-se prisioneiros de si mesmos, os seres humanos não podem reconhecer, pela simples razão, o que é a “verdade”: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer” (Jo 3,4)? “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la” (Jo 4,15).

A compreensão falsa da “verdade-Jesus” no Quarto Evangelho é caracterizada como pecado, pois revolta o ser humano contra Deus, levando-o a ver falsidade ou pecado na revelação do próprio Deus: “Os judeus lhe responderam: não dizíamos, com razão, que és samaritano e tens um demônio” (Jo 8,48)? “Chamaram, então, uma segunda vez, o homem que fora cego e lhe disseram: dá glória a Deus! Sabemos que esse homem é pecador” (Jo 9,24).

Os discípulos de Jesus também devem ser santificados pela “verdade” (Jo 17,17), mesmo que para isso precisem ser odiados pelo mundo, uma vez que não serão aceitos pelo mundo, mas é através disto que se evidenciará a autenticidade do discípulo de Jesus (Jo 15,18-20). Mas os discípulos não suportam o que Jesus lhes diz, por isso, o Espírito da Verdade terá de conduzi-los a toda “verdade”, revelando-lhes Jesus por meio do desocultamento de seus tesouros: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar” (Jo 16,12).

Contudo, os crentes que praticam a “verdade” aproximam-se da luz para que se manifestem as obras de Deus e a Luz é Jesus (Jo 8,12). O diálogo com Nicodemos, por exemplo (Jo 3,1-21), conclui, em contraste, as exposições sobre a finalidade da missão de Jesus que se revela como oferta salvífica e escatológica do amor de Deus. Jesus é rejeitado como portador da salvação e vida, em contraposição às trevas e à mentira.

2.3 A Verdade e o Espírito Santo

O testemunho que Jesus deu da “verdade” deve, no Quarto Evangelho, ser completado pelo Espírito, pois Jesus não disse tudo, e, além do mais, o sentido de suas palavras não fica claro no início. Por isso, o Espírito tem o papel de completar e fazer recordar aos discípulos a verdade que Jesus anunciou e guiá-los à verdade (Jo 14,26).

É o Espírito que fará com que os discípulos se lembrem daquilo que Jesus lhes dissera, isto é, distribuir-lhes a realidade divina: “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14,26); “quanto a vós, a unção que recebestes dele permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine, mas como sua unção vos ensina tudo, e ela é verdadeira e não mentirosa, assim como ela vos ensinou, permanecei nele” (1Jo 2,27). Logo, o Espírito Santo, igualmente, o próprio Jesus, são chamados de “a verdade” (Jo 14,17 e 1Jo 5,6), demonstrando que ele (o Espírito Santo) é a realidade divina, agente da própria revelação, com a finalidade de capacitar os seres humanos ao reconhecimento da verdade.

2.4 “Eu sou a Verdade”

A célebre frase de Jesus “Eu sou a Verdade” (Jo 14,6) traduz de certa forma, o conceito de “verdade” que queremos explicitar neste estudo. Com Jesus, “a verdade” de Deus se encarna (Jo 1,14) e ela aparece plena e somente em Jesus: “Ninguém vai ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6). O homem Jesus é verdadeiramente para a humanidade “a verdade”, porque Ele manifestou à humanidade, através da encarnação o mistério de sua filiação divina, da qual somos chamados a participar também¹⁸.

Logo, segundo o Quarto Evangelho, a “verdade” definitiva é Jesus Cristo, sendo este o depositário dela, pois prega a Palavra de Deus (Jo 17,17), que é a “verdade” e que faz da sua vida, até de sua morte, um testemunho da “verdade”. “Para isso nasci e para isso vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta a minha voz” (Jo 18,37). Jesus ainda a possui em plenitude (Jo 1,14), pois ele é o Verbo, vindo de junto de Deus: “No princípio era o verbo e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus” (Jo 1,1); a sua pessoa é a melhor revelação do plano divino de salvação.

Concluindo: caminhar na Verdade...

Uma das tarefas das comunidades cristãs de hoje, a partir dos textos bíblicos, é atualizar a “verdade” trazida pelo Jesus histórico aos nossos tempos e, para isso, elas contam com a força do Espírito, que é também “verdade” (1Jo 5,6). O Espírito “vos guiará em toda a verdade” (Jo 16,13) e é ele quem conduzirá estas comunidades cristãs para a “Verdade” plena (Jo 16,13), isto é, à compreensão de tudo o que Jesus disse e fez (Jo 14,26).

Por isso, para o quarto evangelista, caminhar na “verdade” significa viver dignamente e isto se traduz na “verdade e no amor” (2Jo 3). A vida do verdadeiro cristão e cristã consiste em viver “na verdade”, e a “verdade” inspirará o seu caminho, seu amor fraterno, sua adoração ao Pai, sua santificação (Jo 17,17). Neste sentido, quanto mais nos tornamos discípulos de Jesus e cooperadores da “verdade”, tanto mais seremos pessoas livres pela “verdade”, ou seja, libertadas pelo próprio Cristo, o Filho de

18. Cf. Fl 2, 6-11, com destaque ao v. 7: “mas, esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana”. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1995.

Deus. E o Filho de Deus faz com que “a verdade que está em nós não envelheça; e todo o nosso modo de ser é irrigado por esta verdade”¹⁹.

Todavia, o conhecimento da “verdade” no Quarto Evangelho não é teórico-conceitual, mas “existencial”, vital e prático, acarretando um compromisso do ser humano inteiro com Deus e com a própria humanidade. A sabedoria provinda do Espírito diz respeito apenas que “Jesus é o Cristo” (1Jo 2,20-22) e no evangelho segundo João, conhecer a “verdade” equivale a ser santificado por ela (Jo 17,17), livrando-se da escravidão da falsidade. A “verdade” de Cristo é a “verdade” porque é a “verdade” de Deus: “Eu estou no Pai e o Pai em mim” (Jo 14,11). Ela, portanto, nos é transmitida na pessoa de Jesus Cristo. E, a “verdade” que está em Cristo conduz os seres humanos à “verdade” de Deus (Jo 14,6), porque, em realidade, eles também se tornam uma partícula da “verdade”, desde que venham a ser remidos pelo Sangue do Cordeiro (Jo 3,33; 17,3; Ap 3,7).

Então, a concepção de “verdade” no Quarto Evangelho, a partir do “evento Cristo”, é aquela que é comprovada na vida daqueles que são transformados segundo a própria imagem de Cristo, ou seja, são “cristificados” pela “verdade”. Ela deve proporcionar aos seres humanos uma atitude que os torne adultos na fé e possam reconhecer cada vez mais a amplidão da “verdade”; este é o caso da “verdade” de Cristo: é infinitamente ampla e não pode ser contida por qualquer credo ou denominação religiosa. Por isso, Jesus sintetiza a expressão máxima da “verdade” no evangelho segundo João: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32).

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 4. ed., 2000.
- ALAND, Kurt. *The Greek New Testament*. USA: Deutsche Bibelgesellschaft. 4ª edition. United Bible Societis.
- BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.
- BORTOLINI, José. *O Evangelho de João: O caminho da vida*. São Paulo: Paulus, 1984.
- BROWN, Raymond E. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Milenium, 1982, Vol. I.
- DUFOUR, Xavier Leon. *Leitura do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 1996, Vol III.
- INTERNET. http://pt.wikipedia.org/wiki/Biblioteca_de_Alexandria. Acessado em 25/11/2009.
- JAUBERT, A. *Leitura do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

19. Cf. *Clemente de Alexandria*. In: LATOURELLE, 1994, p. 1051.

LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes/Santuário, 1994.

MATEOS, Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1999.

MONLOUBOU, L. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PEREIRA, Ney Brasil. Só o Cristo, a Verdade, liberta. *Encontros Teológicos*, n. 21, 1996, p. 3-10.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*: São Paulo: Paulus, 2. ed., 2005, v. 2.

RICHARD, Pablo. A tradição do discípulo amado: Quarto Evangelho e Cartas de João. *Revista de Interpretação Bíblica Latinoamericana*, n. 17, Petrópolis: Vozes, 1994.

RUBEAUX, Francisco. *Mostra-nos o Pai*: Uma leitura do Quarto Evangelho. Série “A Palavra na Vida”, n. 20, São Leopoldo: Cebi, 1989.

Osmar Debatin
Rua Cônego Bernardo, 132
Bairro Trindade
88036-570 Florianópolis, SC
(48) 3233-3577
E-mail: osmardebatin@bol.com.br